

**AS “CRIANÇAS CHATAS” DA AMÉRICA LATINA: UM DIÁLOGO ENTRE
EDUARDO GALEANO E CLARICE LISPECTOR**

**THE "BORING CHILDREN" OF LATIN AMERICA: A DIALOGUE BETWEEN
EDUARDO GALEANO AND CLARICE LISPECTOR**

Joyce Alves¹

Resumo: Entre as décadas de 1960 e 1970, a escritora brasileira Clarice Lispector dedicou-se a escrever crônicas para o Jornal do Brasil sendo que os temas mais recorrentes giravam em torno da fome e da miséria, especialmente projetadas na figura de crianças. Um exemplo disso está na crônica intitulada “As crianças chatas”, que abre a coletânea *A descoberta do mundo* (1984). Esta crônica, entre outras do livro, permite um diálogo, ao qual me proponho neste artigo, com o delinear de pensamento de Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina*, também da década de 1970, principalmente a introdução do livro onde o autor aborda também a questão da fome, das desigualdades sociais, além de elaborar uma crítica ao pensamento eurocêntrico ou à sensação de derrota dos latino-americanos. Para o desenvolvimento de tal análise também me aproprio dos pensamentos de Hugo Achugar (2006), Wladimir Kryszynski (2005), Edgar Nolasco (2010), entre outros.

Palavras-chave: Literatura latino-americana. Clarice Lispector. Crônicas. Eduardo Galeano.

Abstract: Between the 1960s and 1970s, the Brazilian writer Clarice Lispector was dedicated to chronicling for the *Jornal do Brasil* and the most recurrent themes revolved around hunger and poverty, especially designed in the figure of children. An example of this is the chronicle entitled "The annoying children", which opens the collection *Discovery of the World* (1984). This chronic, among other book, allows a dialogue to which I propose in this article, with the outline of thought of Eduardo Galeano in *Open Veins of Latin America*, also from the 1970s, especially the introduction of the book where the author addresses also the issue of hunger, social inequality, and develop a critique of Eurocentric thinking or feeling of defeat of the Latin Americans. For the development of this analysis also I appropriate the Hugo Achugar thoughts (2006), Wladimir Kryszynski (2005), Edgar Nolasco (2010), among others.

Keywords: Latin American literature. Clarice Lispector. Chronicles. Eduardo Galeano.

Introdução

A dependência cultural em relação à Europa é uma problemática que circunda há muito tempo a academia e a sociedade latino-americana de um modo geral. Isso ficou enraizado à nossa cultura, fator este que tem castigado as nossas pesquisas de um modo geral.

¹ Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: profejoycecomparada@gmail.com

Igualmente, a percepção da academia quanto ao caráter múltiplo da cultura brasileira no âmbito da América Latina também foi comprometida.

O uruguaio Eduardo Galeano (2016, p. 17), no final do século XX, chamou a atenção para o fato de que a América Latina continua “existindo para satisfazer necessidades alheias”. Isto é, continuamos sendo fonte de riquezas para os países que já são ricos em detrimento de nós mesmos. Para Galeano, existe entre nós uma constante sensação de fracasso, graças à presença de um discurso hegemônico, de origem europeia ou norte-americana, ditando sempre as regras do jogo pelo poder: “Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta” (GALEANO, 2016, p. 17).

Por isso, Galeano se refere à América Latina como “a região das veias abertas”. O livro que recebeu o título de *As veias abertas da América Latina* foi primeiramente publicado em 1978, mas, em 2010, o autor retomou a obra para uma nova edição. Decepcionado, Galeano percebeu que boa parte dos problemas pelos quais a América Latina passava no final do século passado não foi resolvida ou havia passado por poucas mudanças.

Na obra, apesar de Galeano frisar a questão da exploração das nossas riquezas naturais e a própria mão de obra latino-americana, essa ideia cabe perfeitamente às produções acadêmicas voltadas para os estudos literários. A condição de “veias abertas” acaba sendo promovida por pesquisas arraigadas ao projeto cultural moderno que, por sua vez, subalterniza saberes e culturas. Assim, um pensamento que priorize ou atribua à América Latina um caráter cultural homogêneo acaba por comprometer o reconhecimento da pluralidade cultural nesse mesmo âmbito. A consequência disso é que não conseguimos enxergar os nossos reais problemas para então resolvê-los.

Por isso, venho destacar aqui a perspectiva da escritora brasileira Clarice Lispector na composição de suas crônicas, no sentido de que a cronista representa exatamente os problemas econômico-sociais cariocas. As mesmas questões relacionados ao subdesenvolvimento apontadas por Eduardo Galeano a partir do Uruguai, Clarice também demonstra consternação ao tratar dos mesmos temas em suas crônicas.

Antes publicadas no *Jornal do Brasil*, entre 1967 e 1973, as crônicas clariceanas encontram-se reunidas em *A descoberta do mundo*, de 1984. A obra, diga-se de passagem,

reúne aproximadamente quatrocentos textos nos quais se pode notar a relevância dada pela cronista aos temas relacionados à fome, à miséria, à violência urbana e à situação política do país. Além disso, Clarice trata da situação dos trabalhadores de classe média baixa na figura das empregadas domésticas. Já Eduardo Galeano, na introdução de *As veias abertas*, destaca praticamente as mesmas temáticas, com destaque para a questão da fome em toda a América Latina. O ponto crucial da discussão de Galeano consiste exatamente naquilo que concerne ao pensamento colonizado e na dependência cultural em relação aos europeus e aos norte-americanos.

Assim, a proposta deste capítulo é identificar os dados apresentados pelo crítico uruguaio em crônicas clariceanas selecionadas. O foco desta seleção consiste principalmente em mapear o tema da fome e da miséria nesses textos como sendo motivo de grande consternação para a escritora brasileira.

Para ler Clarice em Galeano e Galeano em Clarice

Antes de propor qualquer reflexão é necessário pensar em como era compreendida a América Latina no final do século XX, período em que Clarice Lispector elaborou e publicou suas crônicas. Nesse sentido, Eduardo Coutinho apresenta uma noção cultural latino-americana apostando no caráter múltiplo do continente:

A América Latina é uma construção múltipla, plural, móvel e variável, e, por conseguinte, altamente problemática, criada para designar um conjunto de nações, ou melhor, povos, que apresentam entre si diferenças fundamentais em todos os aspectos de sua conformação – étnicos, culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos e geográficos –, mas que ao mesmo tempo apresentam semelhanças significativas em todos esses mesmos traços, sobretudo quando se os compara com os de outros povos (COUTINHO, 2003, p. 42).

Coutinho destaca já de início que a variabilidade e mobilidade cultural representam um impasse no que se referem às diferenças, mas que, ao mesmo tempo, é possível identificar traços de semelhanças que interligam os povos latino-americanos. Com efeito, para pensar a América Latina enquanto lugar é preciso ter consciência de que delimitar é perigoso, já que, conforme as palavras de Coutinho, o grupo cultural latino-americano é um, mas oriundo de misturas culturais, o que atribui ao continente um caráter heterogêneo. Por isso, os discursos

que limitam a cultura latino-americana de um modo geral a um conjunto puro e homogêneo são, obviamente, insustentáveis.

Nesta esteira, o indiano Hommi Bhabha elabora uma discussão em torno das relações de contato cultural nos lugares onde ainda vigoram o discurso colonialista e homogêneo não só na pesquisa psicológico-social, mas em todas as subáreas das Ciências Humanas. Segundo o autor, esse tipo de pensamento pode comprometer o reconhecimento do caráter híbrido das culturas que coexistem num mesmo lugar. Por isso, segundo o autor, “é no território dessa coexistência que as estratégias da hierarquização e marginalização são empregadas na administração das sociedades coloniais” (BHABHA, 2013, p. 142). No caso da literatura, esta “coexiste” numa proporção em que se costuma distinguir alta e baixa literatura, literatura canônica e literatura marginal, o que é nosso e o que vem de fora, etc.

Uma das consequências de se reproduzir um discurso hegemônico pode ser percebida em algumas pesquisas acadêmicas realizadas em âmbito nacional. No caso dos estudos literários, por exemplo, por vezes ocorre que as pesquisas se constituem “de costas” para o restante do continente. Ou seja, estar de costas para a América Latina é estar sempre à espera do colonizador, o que nos posiciona sempre de frente para o Oceano. Essa perspectiva acaba engessando algumas produções acadêmicas e provoca certo atraso no que tangem os estudos culturais latino-americanos em âmbito nacional. Até porque existe até os dias atuais uma enorme dificuldade em reconhecer o Brasil como parte desta concha de retalhos que se chama América Latina.

Assim, em *Babel Local: lugares das miúdas culturas* (2010), Edgar Nolasco assevera que:

Se pensarmos no Brasil como lugar, percebe-se hoje que sua literatura, e mais especificamente ainda a crítica brasileira, está em desvantagem no cômputo geral dos trabalhos que servem para pensar a América Latina, como se ambas não fossem erigidas num lugar específico da América Latina. Vê-se, sem grandes esforços, que estudos críticos da e sobre a América Latina fazem suas exclusões sumárias às vezes por puro preconceito ou mero desconhecimento da língua, por exemplo, como se a América Latina fosse monolingual (NOLASCO, 2010, p. 57).

Além de relatar a “desvantagem” da crítica brasileira em relação aos demais países da América Latina, Nolasco destaca o lado inverso da situação anterior, onde também as produções acadêmicas desses países deixam de lado a literatura brasileira como se esta não

fizesse parte da produção cultural latino-americana diante do fato de que o Brasil é o único país que fala português na América do Sul e, obviamente, produz literatura em língua portuguesa.

Outra coisa para o qual Nolasco chama a atenção é o discurso ignorante de quem não (re)conhece a variabilidade linguística da América Latina e, o que é pior, a riqueza que há nisso em seu reflexo literário. Nem mesmo a literatura de um modo geral é “monolingual”. A literatura fala muitas línguas e tentar limitar as produções literárias a uma única linguagem é decepar em parte a riqueza do *pluri* da cultura nela refletida. Nesta esteira, Wladimir Kryszynski (2005) reforça isso em belíssima passagem ao tratar de questões que repensam os “valores” literários ou a chamada literatura universal:

O corpo da literatura é imenso, mas inapreensível na sua totalidade. Como respira, como se desloca? Pode-se constatá-lo unicamente de modo metonímico, admitindo que o menor recanto do mundo reflete todas as escalas do jogo dos valores. A literatura é poliglota. Fala centenas, milhares de línguas (KRYZINSKI, 2005, p. 197).

Ao afirmar que a literatura é inapreensível na sua totalidade por conta de sua imensidão, Kryszynski se refere ao fato de que, apenas pelo reconhecimento de valor nacional, institucional e universal da literatura, seria difícil observar a literatura na sua totalidade. Alguma coisa ficaria para trás. Assim, para ele é necessário incluir o marginal e o local a essa perspectiva. Não apenas para reconhecer as culturas marginais e representações múltiplas por meio da literatura, mas também para alcançar o máximo possível da variabilidade literário-cultural dos grupos sociais em questão.

Assim, é possível visualizar com maior clareza o caráter plural das culturas: “pode-se admitir que o *marginal* e o *local* dependem muito de seu reconhecimento nacional, e que esse reconhecimento passa pelo veredicto e pela bênção do *institucional* antes de passar para o *universal*” (KRYZINSKI, 2005, p. 197 – Grifos do autor). Para o autor, o marginal e o local seriam os “novos actantes” da chamada *Weltliteratur*. Contudo, o grande problema reside nos discursos “castradores”, que impedem as pesquisas de avançarem. Por isso, Nolasco alerta:

Estamos condenados a estar com os dois pés fincados sobre as ruínas do presente (...). Estamos afirmando, porque é isso que os estudos da cultura, assim como a literatura comparada, nos fazem acreditar, que enquanto a leitura logocêntrica, hegemônica, hierárquica, doxista, cartesiana, repetiu à exaustão um modo de ler

linear e progressista, ou seja, preso à repetição, o pensamento contemporâneo, sem abrir mão da história, nem muito menos do passado, propõe *peerlaborar* a história e suas respectivas produções culturais de onde estamos para o passado (NOLASCO, 2010, p. 46).

Deste modo, é natural que onde impera um discurso homogeneizador e engessado dificilmente se reconheçam as diferenças sociais e culturais. E, dificilmente também o pensamento intelectual estará preparado e aberto para a percepção do múltiplo, e no múltiplo enxergar o outro. Que para uma colcha de retalhos, todas as partes são cruciais na composição do produto final. Nesse sentido, o uruguaio Hugo Achugar, em determinada altura de suas reflexões em *Planetas sem boca* (2006), chega à seguinte conclusão:

A existência de tradições, ou heranças culturais que permitem combinar (mestiçar, hibridar, transcultural) o hambúrguer do McDonald's com o mate uruguaio; a camiseta da Benetton com a alpargata crioula dos gaúchos; o personagem dos comic com as mobilizações sociais do norte argentino; os cultos umbandistas com os resíduos plásticos das empresas transnacionais, parece indicar um substrato ou uma herança cultural muito mais forte do que a versão demonizada do efeito globalizador parece acreditar (ACHUGAR, 2006, p. 85).

Com efeito, hoje temos plena consciência da efervescência cultural que acontece no lugar da nossa cultura, e é possível crer que de fato é negativa qualquer tentativa de homogeneizar ou subalternizar saberes e culturas (isto é, a “versão demonizada”), especialmente no que se refere à literatura brasileira. Tentar igualar ou mascarar as diferenças, impedindo assim os diálogos possíveis, paralisa o pensamento intelectual e nos impede de enxergar as desigualdades sociais.

Por isso, a alteridade epistêmica é o aspecto que precisa ser levado em consideração quando se trata da percepção do escritor em relação ao outro subalterno. Assim, em *Histórias locais / Projetos globais* (2003), Walter D. Mignolo propõe o *pensamento liminar* como uma forma de romper com o projeto cultural moderno que subalterniza grupos sociais e saberes marcados pela diferença. A partir da relação entre colonialidade e epistemologia, o autor critica a subalternização de conhecimentos e culturas por parte do discurso hegemônico. No livro, elaborado no final do século XX, Mignolo também fala a respeito da existência do que ele chama de novos *loci* (do latim, “lugares”) de pensamento e enunciação.

Segundo o autor, por causa do processo colonial europeu que se expandiu pelo mundo, os saberes e as histórias próprios da Europa acabaram sendo tomados (ou impostos) como

projetos globais. Ou seja, o mundo colonial moderno foi formado pelo conhecimento hegemônico europeu. Do mesmo modo, algumas décadas mais tarde, a cultura norte-americana passou a ser vista como modelo econômico graças à emergência do capitalismo. A consequência foi a subalternização de saberes, povos e culturas que não se enquadravam nas propostas eurocêntricas ou americanizadas. Com isso, as diferenças culturais foram ignoradas e levadas a um plano inferior ou à invisibilidade.

Deste modo, e com base numa consciência geopolítica das culturas, Mignolo (2003, p. 101) traz o *pensamento liminar* como uma forma de desconstrução das propostas advindas do sistema mundial moderno. Assim, torna-se necessária uma espécie de “dupla crítica” para romper com as propostas excludentes. Ou seja, era preciso um pensamento crítico que pensasse a partir de todas as culturas e, ao mesmo tempo, de nenhuma delas. Nesse sentido, o autor explica que quando histórias locais diferentes são levadas em consideração ocorre, então, “um outro pensamento”:

O potencial epistemológico do pensamento liminar, de ‘um outro pensamento’, tem a possibilidade de superar a limitação do pensamento territorial, cuja vitória foi possibilitada por seu poder de subalternizar o conhecimento localizado fora dos parâmetros das concepções modernas de razão e racionalidade (MIGNOLO, 2003, p. 102).

Em outras palavras, o projeto cultural moderno acabou por “definir” que tipo de cultura seria centralizado e qual seria subalternizado. Isso fez com que a maior parte das diferentes etnias e suas respectivas manifestações culturais fosse marginalizada enquanto que o discurso hegemônico inspirado na cultura europeia tornou-se imperante. Assim, o *pensamento liminar* promove a ruptura com o projeto cultural moderno excludente e possibilita reconhecer as diferenças, além de dar espaço para a emergência de vozes, culturas e histórias antes excluídas.

Por causa da subalternização de saberes e culturas, muitos intelectuais, influenciados também pelo pensamento moderno, partilhavam de uma visão preconceituosa. Apenas determinados lugares, culturas e classes sociais tinham o direito ao pensamento crítico e a desenvolver qualquer reflexão científica. Essa condição se assemelha à da sociedade carioca, na segunda metade do século XX, fortemente influenciada pela cultura capitalista norte-americana, além dos efeitos do processo ditatorial. Foi nesse período que Clarice Lispector escreveu suas crônicas. Esses fatores histórico-sociais também contribuíram para a exclusão

das produções artístico-culturais oriundas das classes desfavorecidas ou de cunho nacionalista.

Além disso, havia um julgo pesadíssimo provocado pela colonialidade do poder e do saber que conduzem hoje o pensamento do mundo pós-moderno à rotulação pelas aparências, pelas diferenças étnicas e socioeconômicas, sempre no sentido do baixo ou nenhum valor, reforçando a condição de *sub + alterno*. Por isso, no caso especial do Brasil enquanto retalho da América Latina, é preciso lembrar que a maioria de nós, antes de estarmos no centro, esteve antes na periferia e que pela nossa própria história já fomos colônia. Assim como Clarice Lispector foi a criança pobre e nordestina inserida no contexto do Rio de Janeiro.

Vale destacar que, ao criar uma literatura que conheça o nacional, o institucional e o universal, mas que projeta o olhar do leitor para o local e o marginal podemos afirmar, então, que há nas crônicas clariceanas uma antecipação do que seria o *pensamento liminar* proposto por Mignolo. Na concepção do autor, o *pensamento liminar* emerge das histórias locais, na e a partir das margens sem, no entanto, nos fixarmos nelas. A proposta é não fixar o pensamento, mas estabelecer diálogos críticos inclusive, e em constante movimento de troca. Clarice percebeu a necessidade de mudança e ruptura no que tange o pensamento epistemológico moderno a ponto de deixar isso transparecer em suas crônicas, conforme será tratado mais adiante.

Por conseguinte, outro ponto interessante está nas primeiras páginas de *Planetas sem boca*, onde Achugar relata as próprias dificuldades em ser um letrado no Uruguai. Nesse sentido, a angústia maior é fazer-se ouvir de lá, do Uruguai, em relação ao restante do continente:

Pareceria que tenho que pagar pedágio por ser uruguaio, que devo justificar a extravagância de ser uruguaio. Não é suficiente que eu fale a partir do Uruguai ou argumente ser uruguaio, devo justificar, tenho que pedir desculpas pelo fato de atrever-me a falar, tenho que pedir desculpas por ser um letrado, tenho que pedir desculpas por não escrever como o faz o rebanho acadêmico (ACHUGAR, 2006, p. 21-22).

O desabafo de Achugar se parece muito com o depoimento de Clarice Lispector ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, em 1977. Quando perguntada sobre qual o “filho predileto” dentre seus escritos, Clarice lembra o conto “O ovo e a galinha”, mas, sobretudo, destaca a crônica intitulada “Mineirinho”. O enredo, nas próprias palavras da escritora, relata

o assassinato de um bandido que dá nome ao texto e que aterrorizara a cidade do Rio de Janeiro àquela época.

Mas Clarice enxerga outros aspectos na figura de Mineirinho: *era devoto de São Jorge e tinha uma namorada*. A angústia da escritora ao falar sobre os treze tiros que baniram Mineirinho do mundo, chama a atenção do jornalista, haja visto que junto à angústia surge uma abrupta revolta por parte da escritora. Lerner então pergunta: “Em que medida o trabalho de Clarice Lispector, no caso específico de Mineirinho, pode alterar a ordem das coisas?” Clarice, de modo um tanto consternado e triste responde: “Não altera em nada. Não altera em nada. Eu escrevo sem a esperança que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada.”²

Clarice, já no último ano de sua vida, percebe que qualquer tentativa de trazer o *outro* para o lugar epistêmico do *Outro* acaba sendo frustrada pela indiferença. Mas é interessante o andamento desta conversa com Clarice, pois, mais adiante, vem a pergunta: “No seu entender, qual é o papel do escritor brasileiro, hoje em dia?” Ao que Clarice responde: “De falar o menos possível.” Apesar de nunca ter-se calado, é como se aqui a escritora afirmasse: “tenho que pedir desculpas por não escrever como o faz o rebanho acadêmico”, para lembrar a angústia de Achugar. Denunciar o que vai mal no mundo incomoda. Contudo, Clarice Lispector reivindica o balbucio, o “direito ao grito”. E, apesar de Clarice entender que seu papel é o de “falar o menos possível”, ela fala, grita, para confirmar que “o balbucio é nosso orgulho, nosso capital cultural, nosso discurso raro, nosso discurso *queer*” (ACHUGAR, 2006, p. 14).

Deste modo, o papel da academia aqui se reforça, pois é preciso identificar nessa “ousadia” do escritor e intelectual as tentativas de romper com o projeto cultural moderno. Trata-se de uma luta em favor do reconhecimento pelas diferenças socioeconômicas, mas, sobretudo, em favor de culturas e saberes subalternizados. E isso não cabe apenas aos acadêmicos e pesquisadores, mas a todos, conforme o Papa Francisco frisa na Encíclica *Evangelii Gaudium* (2013) como sendo de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade latino-americana:

² Toda a sequência desta entrevista está registrada no livro de Nádya Battella Gotlib *Clarice: uma vida que se conta* (1995), sempre intercalada por comentários da própria Nádya. Cf. GOTLIB, 1995, p. 453-460.

Cada Cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos para **ouvir o clamor do pobre** e socorrê-lo (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 113 – grifos meus.).

A exortação do pontífice argentino, que conhece a realidade do seu continente de origem, confirma a necessidade de se ouvir o clamor das margens. Mas, segundo Eduardo Galeano, no prefácio de seu livro já em 2010, “nós nos negamos a escutar as vozes que nos advertem: os sonhos do mercado mundial são os pesadelos dos países que se submetem aos seus caprichos” (GALEANO, 2016, p. 06). Contudo, é preciso considerar também o papel do intelectual escritor que permite, ou melhor, que facilita esse processo de percepção. A opção pelas crônicas de Clarice Lispector, por exemplo, não é por acaso.

A crônica é o gênero da denúncia por excelência e, pensando no público limitado que lia o jornal naquele tempo, é possível dizer que este mesmo público não era o mais interessado em resolver problemas sociais como a fome, a pobreza, a violência urbana, etc. Digo isso, pois, em Clarice Lispector noto a atitude irônica de, ao saber que o público leitor do *Jornal do Brasil* é variado, mas predominantemente composto pela minoria letrada e economicamente organizada do país, ela trata exatamente dos temas mais pungentes em suas crônicas. A cronista joga a luz para a figura dos moradores de ruas, favelados e famintos ao invés de mascarar a realidade. Isso vai ao encontro da afirmação de Jorge de Sá (1987) que assevera que na crônica não se cria, mas recria-se a realidade a partir de um contato direto com ela:

O artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo (SÁ, 1987, p. 10).

E para ser essa “antena” do povo vejo que, ao cronista, na transposição do “registro do circunstancial” para o texto, é crucial essa proximidade com a realidade, e mais: uma preocupação interessada em interferir no que se está denunciando. O cronista deixaria de ser um mero comentador dos fatos cotidianos para promover certo engajamento no que tangem as desigualdades sociais. E isso se faz notar, como veremos, nas crônicas de Clarice Lispector enquanto intelectual que percebe a realidade. O sentimento de revolta, por exemplo, é uma

constante em boa parte das crônicas clariceanas porque a percepção de realidade da escritora está pautada naquilo que a revolta conforme apontarei a seguir.

As crônicas clariceanas e as 120 milhões de “crianças chatas”

A crônica que abre a coletânea *A descoberta do mundo* (1999), de Clarice Lispector, foi intitulada “As crianças chatas” e publicada em 1967 no *Jornal do Brasil*. Nesta crônica, nota-se que Clarice recria uma realidade a partir de sua percepção de mundo. E a esta percepção soma-se a forma com que a cronista aborda a temática da fome e da miséria, fazendo com que o leitor “enxergue” esta realidade por meio do texto. Assim, segue a crônica na íntegra:

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. **Ah, como devoro com fome e prazer a revolta** (LISPECTOR, 1999, p. 23 – grifos meus.).

É possível perceber que Clarice não apresenta muitos detalhes sobre as personagens nem sobre o espaço ou tempo da narrativa. Porém, todos nós quando lemos esta crônica somos capazes de identificar esses aspectos e quase nomeamos os sujeitos envolvidos. Isso porque o que se narra é uma cena comum em muitas cidades brasileiras, bem como em toda a América Latina.

O que ocorre é que passamos indiferentes por essas realidades porque já nos acostumamos com elas. Mas Clarice Lispector, já àquela época, viu e percebeu a situação das margens. Conforme a personagem “grita com dor”, é o intelectual quem ouve sem resignar-se. O “ninho da resignação” faz com que imaginemos a condição humana comparada à do pássaro que não se resigna perante a fome e parte em busca do alimento para seu filhote. Mas no ninho da resignação não há revolta. Porém, o narrador sacia a sua fome mais íntima nas linhas destacadas na crônica.

Do mesmo modo, Eduardo Galeano destaca que, na década de 1960 (exatamente o período em que a crônica de Clarice foi publicada), 120 milhões de crianças morriam de

doença ou de fome na América Latina por estarem em situação de miséria. São 120 milhões de “crianças chatas” no centro da tormenta. “Em fins de 1970, entre os 280 milhões de latino-americanos há 50 milhões de desempregados ou subempregados e cerca de 100 milhões de analfabetos”, acrescenta Galeano (2016, p. 20). São exatamente esses os sujeitos protagonistas das crônicas de Clarice Lispector deste período.

Conforme os registros de Olga Borelli, que conviveu com Clarice entre as décadas de 1960 e 1970, é possível perceber que a escritora demonstrava grande preocupação com as classes menos favorecidas da sociedade:

Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses. Ela própria dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer... (BORELLI, 1981, p. 53).

De fato, em outras crônicas, Clarice demonstra este “sentimento básico” no entorno da miséria e da pobreza. Na crônica “Eu tomo conta do mundo”, publicada em 1970, o narrador afirma: “Observo o menino de uns dez anos, vestido de trapos e magérrimo. Terá futura tuberculose, se é que já não a tem” (LISPECTOR, 1999, p. 276). E o próprio título da crônica justifica a necessidade de tal recorte da realidade. Tomar conta do mundo aponta para a ânsia de Clarice por, mais que ver e ouvir, “socorrer” os pobres, especialmente as crianças. Porque ela própria, como já dito, foi uma criança chata conforme está sugerido também em outra crônica do mesmo ano: “Como brasileira, seria de estranhar se eu não sentisse e não participasse da vida do meu país. Não escrevo sobre problemas sociais, mas eu os vivo intensamente e, já em criança, me abalava inteira com os problemas que via aos vivo” (LISPECTOR, 1999, p. 309).

A crônica “As caridades odiosas”, de 06 de dezembro de 1969, também merece ser destacada aqui. O texto traz o relato de um encontro entre a cronista e uma criança na rua:

Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco

aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

– Um doce, moça, compre um doce para mim (LISPECTOR, 1999, p. 249).

Na sequência, a cronista relata ter atendido ao pedido do menino sujo e lhe compra o doce, e se admira ao perceber que ele “não abusa” de sua bondade quando lhe oferece outro doce: “Este, que mexendo as mãos e a boca ainda esperava com ansiedade pelo primeiro, interrompeu-me, olhou-me um instante e disse com delicadeza insuportável, mostrando os dentes: não precisa de outro não” (LISPECTOR, 1999, p. 249).

Clarice conta ainda o quanto se sentiu envergonhada quando a caixeira da confeitaria lhe disse que há horas o menino pedia às pessoas que lhe desse um doce, mas ninguém o fez: “Eu estava cheia de um sentimento de amor, gratidão, revolta e vergonha. (...) E para isso fora necessário um menino magro e escuro... E para isso fora necessário que outros não lhe tivessem dado um doce” (LISPECTOR, 1999, p. 250). Por conseguinte, há uma interrupção no texto que conduz o olhar do leitor para outra cena. A cronista conta que após encontrar a criança na confeitaria tomou um ônibus e sentou-se ao lado de uma mulher que balançava um bebê:

– Estou desde a manhã na rua, informou a mulher. Fui procurar umas amigadas que não estavam em casa. Uma tinha ido almoçar fora, a outra foi com a família para fora.

– E a menina?

– É menino, corrigiu ela, está com roupa dada de menina, mas é menino. O menino comeu por aí mesmo. Eu é que não almocei até agora.

– É seu neto?

– Filho, é filho, tenho mais três. Olhe só como ele está gostando da senhora... Brinca com a moça, meu filho! Imagine a senhora que moramos numa passagem de corredor e pagamos uma fortuna por mês. O aluguel passado não pagamos ainda. E este mês está vencendo. Ele quer despejar. Mas se Deus quiser, ainda arranjarei os dois mil cruzeiros que faltam. Já tenho o resto. Mas ele não quer aceitar. Ele pensa que se receber uma parte eu fico descansada dizendo: alguma coisa já paguei e não penso em pagar o resto.

Como a mulher velha estava ciente dos caminhos da desconfiança. Sabia de tudo, só que tinha de agir como se não soubesse – raciocínio de grande banqueiro. Raciocinava como raciocinaria um senhorio desconfiado, e não se irritava (LISPECTOR, 1999, p. 250).

No trecho, é possível entender que, dois anos depois de ter publicado “As crianças chatas”, havia outras crianças com fome e outras mães continuavam a não ter o que oferecer aos filhos. Alguns anos mais tarde, Eduardo Galeano (2016, p. 20) ainda nos informaria de que “a metade dos latino-americanos vive amontoada em casebres insalubres”. Assim, diante

desses e outros dados da realidade latino-americana daquele período, ao revisitar o próprio livro em 2010, Galeano questiona no prefácio: “O passado é mudo? Ou continuamos sendo surdos? (GALEANO, 2016, p. 07).

O agravamento dos problemas que giram em torno das desigualdades sociais no Brasil e em toda a América Latina tem nos obrigado a repetir estas perguntas. Contudo, Clarice Lispector deu relevo a sujeitos invisíveis da sociedade por meio de suas crônicas de modo que fosse (e ainda é) possível ao leitor entrar em contato quase direto com a situação.

Considerações finais

Eu poderia me deter a outras crônicas clariceanas que giram em torno desta temática, mas lembrarei na etapa derradeira deste artigo a crônica intitulada “Daqui a vinte e cinco anos”, de 1967. No texto, a cronista se propõe a imaginar o Brasil em vinte e cinco anos:

Posso imensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deveriam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma (LISPECTOR, 1999, p. 33).

Vinte e cinco, trinta e cinco, quarenta e cinco anos se passaram, aproximadamente, e Eduardo Galeano sinaliza que os desejos de Clarice Lispector para o futuro não seriam alcançados: “A pobreza não está escrita nas estrelas, o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro desígnio de Deus” (GALEANO, 2016, p. 25). De fato, enquanto não abriremos os olhos e os ouvidos das nossas pesquisas acadêmicas e alertar nossos governantes para a realidade não só brasileira, mas de toda a América Latina, é provável que daqui a vinte e cinco anos o número de crianças chatas dobre, triplique, na América Latina. E, pelo mesmo motivo, porém, tornar-se-ão ainda mais invisíveis.

Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada na América Latina**. Ensaios. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sérgio Franco. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

KRYSINSKI, Wladimir. Narrativa de valores: os novos actantes da Weltliteratur. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. ABRALIC, n. 7, 2005, p. 193-205.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NOLASCO, Edgar César. **Babel local**: lugares das miúdas culturas. Campo Grande: Life Editora, 2010.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica do Papa Francisco**: Evangelii gaudium - a alegria do Evangelho. Documentos Pontifícios – 17. Edições CNBB, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: Ensaios sobre dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.